

## COMO CUIDADORES PODEM ESTIMULAR HÁBITOS DE ESTUDO EM CRIANÇAS?

Alessandra Sorbara<sup>1</sup>  
Maria Ester Rodrigues<sup>2</sup>

SORBARA, A.; RODRIGUES, M. E. Como cuidadores podem estimular hábitos de estudo em crianças?. **EDUCERE** – Revista de Educação, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 348-364. 2022.

**RESUMO:** O objetivo deste estudo é indicar, a partir da Análise do Comportamento (AC), ações de como desenvolver hábitos de estudo com o público infantil, especialmente durante a pandemia. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, por meio do Google Acadêmico, para selecionar artigos e dissertações a respeito da temática. Os principais resultados obtidos foram: (i) os hábitos considerados não promotores de estudo são a não compreensão da organização do espaço de estudo, não dispor de tempo/dinheiro para as atividades escolares, minimizar a importância de cumprir regras e estabelecer consequências coerentes às atividades; (ii) os hábitos promotores podem ser organizar e planejar o espaço, tempo/horários e materiais para uso de estudo; auxiliar no manuseio e organização do material escolar, supervisionar as atividades e organizar o momento pós-estudo (reforço positivo). A partir desses achados, pode-se concluir que a AC pode oferecer aos pais/cuidadores instrumentos para estimular hábitos de estudo nas crianças. **PALAVRAS-CHAVE:** Hábitos de Estudo; Crianças; Cuidadores; Análise do Comportamento.

### HOW CAN CAREGIVERS STIMULATES STUDY HABITS IN CHILDREN?

**ABSTRACT:** The objective of this study is to indicate, based on Behavior Analysis (AC), actions on how to develop study habits with children, especially during the pandemic. Therefore, a bibliographic research was carried out, through Google Scholar, to select articles and dissertations on the subject. The main results obtained were: (i) the habits considered not to promote study are the lack of understanding of the organization of the study space, not having time/money for school activities, minimizing the importance of complying with rules and establishing coherent consequences for activities ; (ii) promoting habits can be organizing and planning space, time/schedules and materials for study use; assist in the handling and organization of school material, supervise activities and organize the post-study moment (positive reinforcement). From these findings, it can be concluded that CA can offer parents/caregivers tools to encourage study habits in children.

**KEYWORDS:** Study Habits; Children; Caregivers; Behavior Analysis.

---

DOI: [10.25110/educere.v22i1.20228890](https://doi.org/10.25110/educere.v22i1.20228890)

<sup>1</sup> Especializanda em Ludopedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). R. Universitária, 1619, Universitário, Cascavel - PR, CEP: 85819-110. E-mail: [a.s.facul@hotmail.com](mailto:a.s.facul@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia da Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). R. Universitária, 1619, Universitário, Cascavel - PR, CEP: 85819-110.

E-mail: [mariaester.rodrigues@gmail.com](mailto:mariaester.rodrigues@gmail.com)

## ¿CÓMO LOS CUIDADORES PUEDEN ESTIMULAR LOS HÁBITOS DE ESTUDIO EN LOS NIÑOS?

**RESUMEN:** El objetivo de este estudio es indicar, con base en el Análisis de Comportamiento (AC), acciones sobre cómo desarrollar hábitos de estudio con los niños, especialmente durante la pandemia. Por ello, se realizó una búsqueda bibliográfica, a través de Google Scholar, para seleccionar artículos y disertaciones sobre el tema. Los principales resultados obtenidos fueron: (i) los hábitos considerados que no promueven el estudio son la falta de comprensión de la organización del espacio de estudio, no tener tiempo/dinero para las actividades escolares, minimizar la importancia de cumplir con las normas y establecer consecuencias coherentes para actividades; (ii) la promoción de hábitos puede ser la organización y planificación de espacios, tiempos/horarios y materiales para el uso del estudio; asistir en el manejo y organización del material escolar, supervisar actividades y organizar el momento post-estudio (refuerzo positivo). A partir de estos hallazgos, se puede concluir que la AC puede ofrecer a los padres/cuidadores herramientas para fomentar hábitos de estudio en los niños.

**PALABRAS CLAVE:** Hábitos de estudio; Niños; Cuidadores; Análisis de comportamiento.

---

### INTRODUÇÃO

Este trabalho vincula-se à abordagem teórica da Análise do Comportamento (AC, doravante), a partir das obras de Burrhus Frederic Skinner, principal representante dessa abordagem, e de outros analistas do comportamento nacionais que se dedicam à educação, tais como Hübner (1999, 2002, 2012), Hübner e Marinotti (2000), Soares, Souza e Marinho (2004), Pergher *et al.* (2012) e Cognetti (2015). Tais pesquisadores, a partir do campo da AC, têm contribuído para a resolução dos desafios relacionados aos deveres escolares.

A AC está inserida em um tripé composto pelo Behaviorismo Radical (filosofia), pela Análise Experimental do Comportamento (AEC, ou modo de produzir ciência) e pela Análise Aplicada do Comportamento (AAC, ciência que se apoia na filosofia behaviorista radical e nos princípios experimentais da AEC para a solução de problemas socialmente relevantes). A filosofia behaviorista radical compreende o homem como um ser monista, não dividido em duas naturezas (uma material e outra imaterial), e seu comportamento é explicado como produto do inter cruzamento de três níveis históricos de variáveis sociogenéticas (culturais), ontogenéticas (aprendizagem na história de vida) e filogenéticas (biologia da espécie). Sendo o comportamento determinado e o homem não dicotomizado em duas esferas (mental e corporal, material e imaterial), mas sim único e indivisível, não é possível considerar que eventos internos sejam as causas para eventos externos.

Por eventos internos compreendemos tanto os comportamentos encobertos/privados e o ambiente privado para comportamentos, quanto os comportamentos públicos/abertos e os igualmente privados. Não existe *status* causal para eventos privados, pois são igualmente explicados, sejam os abertos/públicos ou os privados/encobertos. Sobre a questão da liberdade, o homem é livre, mesmo com as formas de controle que o mundo exerce sobre o seu comportamento; porém, existem consequências sobre sua ação. O sujeito “[...] não é de natureza diferente dos demais fenômenos existentes no mundo, e por isso seu comportamento pode ser explicado cientificamente.” (HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 710-711), ou seja, existe uma regularidade a ser descoberta.

A unidade de AC é a contingência tríplice, que contempla a ação em interação com seus elementos antecedentes e consequentes. A ação isolada de elementos antecedentes e, principalmente, consequentes, não se constitui, desse modo, em comportamento. As ações produzem consequências que passam a “[...] atuar como principais agentes de mudança na probabilidade de ocorrência futura do mesmo comportamento que as produziu.” (COGNETTI, 2015, p. 9), além de sinalizarem as circunstâncias em que foram produzidas (antecedentes). Uma das principais diferenças da AC em relação a outras linhas psicológicas é a noção de causalidade/ determinação: *o como* se entende que o comportamento seja causado; *o que* causa a ação e *o porquê* agimos como agimos (GEACE, 2020). A causalidade é invertida de um aguilhão antecedente, conforme preconizado pela cultura, e passa a ser entendida como determinada pelas consequências ou pelo que ocorre após a ação. Outras diferenças da AC envolvem a concepção de homem (monista), de comportamento, que inclui todas as ações humanas públicas e privadas, a noção de ambiente privado, entre outras.

As discussões mobilizadas pela AC têm sido úteis no campo educativo, especialmente nos dois últimos anos, em que temos lidado com os percalços da pandemia da covid-19. Esse momento desafiador fez com que governantes decretassem ações emergenciais para as mais variadas áreas da sociedade, a fim de conter a contaminação e a propagação do novo Coronavírus (VIEIRA; SILVA, 2020). No âmbito da educação, no Brasil, o Ministério da Educação (MEC) decretou, por meio da Portaria nº 343, em 17 de março de 2020, a suspensão de aulas presenciais. Com isso, a educação precisou ser repensada e remodelada em termos metodológicos, no âmbito escolar, com reflexos sociais e familiares. Com a suspensão das aulas presenciais, sentiu-se a ausência da

organização comumente promovida pela escola e pelo professor, observada por meio do planejamento do tempo dedicado à cada matéria, pelo ensino de como manter o caderno e o livro/a apostila organizados e pelo espaço (mesa, cadeira) destinado ao estudo com o mínimo de distrações e foco (COGNETTI, 2015). Enfim, a escola proporciona meios, materiais e recursos humanos (professor/monitor/auxiliar) que orientam metodologicamente e pedagogicamente o alunado para que se efetive a aprendizagem.

Vieira e Silva (2020), em um ensaio sobre a educação no contexto da pandemia, alistam fatores possivelmente relacionados aos prejuízos advindos do afastamento da escola, provocado pela pandemia, tanto para a atuação emergencial das instituições a distância quanto para os estudantes. Alguns dos impactos mais citados foram: (i) possíveis danos ao processo de ensino-aprendizagem, ocorridos devido à ausência de um ambiente doméstico adequado para os estudos; (ii) a falta de tempo dos pais/responsáveis para auxiliar os estudantes no momento de estudo, seja no manejo do ambiente ou do conteúdo (iii) a falta de acesso a computadores e celulares para aulas *on-line* de forma remota, síncronas e/ou assíncronas, por conta de problemas socioeconômicos (UNESCO, 2020; ALMEIDA; ALVES, 2020; SANTOS *et al.*, 2020); (iv) possíveis danos cognitivos e emocionais provocados pelo afastamento do convívio com os pares; e (v) transtornos variados relacionados ao sono, ao apetite, à agressividade, à ansiedade e à depressão. A natural queda na aprendizagem provocada pelo afastamento da escola poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias de infraestrutura, em tecnologias, em tempo, em tutoria fora do horário usual das aulas e em material adicional, quando possível (UNESCO, 2020).

Os responsáveis e os cuidadores, por outro lado, não suprem a falta da escola, pois enfrentam dificuldades para administrar o tempo, os conteúdos, as prioridades e a organização do espaço de estudo. Tais fatores são pré-requisitos para o estudar (ROMERO, 2005; CAMARGO, 2012; PERGHER *et al.*, 2012), e, quando não são atendidos, podem gerar baixo rendimento (notas abaixo da média), desmotivação (por parte do adulto e da criança) e uso de controle aversivo. É importante notar que isso ocorre não apenas em momentos de pandemia, mas foi por ela maximizado.

A pandemia desmascarou o despreparo das famílias para auxiliar seus filhos e a fragilidade de muitos alunos sem acesso aos recursos necessários para aulas *on-line*. Muitas famílias sofrem, no dia a dia, estresse por não saber o que fazer quando a criança precisa se sentar e começar a estudar para provas ou para tarefas escolares cotidianas. Nesse relacionamento entre família e escola, à família compete dedicar-se

prioritariamente ao relacionamento com os filhos e à educação familiar (valores, hábitos, atitudes). A escola, por outro lado, se ocupa da educação escolar, por meio do conhecimento científico, artístico, filosófico e cultural acumulado pela humanidade. Isso não significa que a família não possa transmitir conhecimentos variados ou de efetuar parcerias com a escola, sobretudo, no desenvolvimento de hábitos de estudo, mas não deve fazer isso a ponto de desgastar o relacionamento entre pais e filhos, seja por inabilidade com o conhecimento ou com o manejo do comportamento de estudar. Não é nossa intenção dizer que não há famílias com condições de tempo ou financeiras para prover pessoalmente (ou por meio de pessoal contratado) supervisão direta das atividades de estudo dos filhos, além de local, organização e planejamento. No entanto, não são todos que podem fazer isso, assim como não se pode cobrar esses aspectos de todos.

Mesmo os que têm condições de auxiliar nas tarefas escolares podem ter boa vontade e paciência, mas não preparo. E sem as noções básicas de como auxiliar, a boa intenção pode se esgotar, levando-os a desistir. Em meio ao estresse, não raro, surgem os gritos, as ameaças de castigo e até mesmo punições físicas. O estudo se torna estímulo condicionado aversivo para o adulto e para a criança, o que é sinônimo de desmotivação, paradas no comportamento ou bloqueio do comportamento de estudar, impactando significativamente a aprendizagem (PERGHER *et al.*, 2012). As ações dos pais ou dos familiares são de suma importância, pois são eles que administram as ações das crianças e o processo de estudar em casa.

Tal envolvimento vai além de somente cobrar que a criança estude; requer criar e adaptar vários outros arranjos contingenciais que facilitam a organização da criança para esse momento. Esse processo de troca de hábitos não é uma tarefa fácil, por isso, precisa ser desenvolvido dia após dia, iniciando dos pontos gerais para os mais específicos, usando-se bom senso, diálogo, fidelidade ao cumprir os contratos feitos e a compreensão de que a criança precisa exercitar-se com auxílio do cuidador até que consiga executar a ação sozinha, mas sempre sob olhares atentos (SOARES; SOUZA; MARINHO, 2004).

São comuns os casos de desempenho escolar (notas baixas) aliados a hábitos de estudo inadequados (HÜBNER; MARINOTTI, 2000; REGRA, 2004; PERGHER; VELASCO, 2007). A aquisição de hábitos de estudo adequados em crianças, adolescentes e adultos compete com hábitos inadequados aprendidos previamente (REGRA, 2004). Quando se diz que o indivíduo apresenta hábitos de estudo inadequados, em geral se refere à não ocorrência de muitos dos comportamentos que compõem a classe de

“estudar” e à ocorrência de comportamentos que evitam e/ou procrastinam a realização de atividades acadêmicas. A procrastinação pode ocorrer devido a dificuldades com a tarefa a ser realizada e/ou ao fato de o indivíduo engajar-se em atividades mais interessantes durante o período livre (PERGHER; VELASCO, 2007). Alguns comportamentos que funcionam para evitar o contato com o material pedagógico e/ou para procrastinar a realização das tarefas escolares são: olhar dispersivo (olhar em outras direções: pessoas, teto, TV etc.); movimento dispersivo (ir ao banheiro, levantar-se da cadeira/local do estudo, pegar objetos desnecessários); e verbalizações dispersivas (cantar, falar sozinho, falar sobre outros assuntos).

Ressaltamos que as dificuldades escolares têm múltiplas causas e podem ser determinadas por limitações orgânicas, pela história de vida particular ou pelas condições socioculturais que dificultam o desenvolvimento de hábitos de estudo (PERGHER; VELASCO). Os obstáculos de estudo e as dificuldades escolares podem afetar crianças, adolescentes (e adultos) com desenvolvimento típico, em qualquer classe social e qualquer tipo de escola.

Considerando as contribuições da AC, as peculiaridades do momento pandêmicos e as adversidades advindas desse contexto, nosso objetivo, com este artigo, é indicar ações de como desenvolver hábitos de estudo com o público infantil, pois esse período é fundamental para a criação de habilidades que perdurarão por toda a vida. Assim, as reflexões podem ser úteis a familiares/cuidadores (pais, mães, tias, tios, avós, irmãos, primos, babás etc.) e professores, com vistas ao desenvolvimento e à manutenção de hábitos de estudo nas crianças.

Após contextualizarmos o tema e o objetivo deste estudo, a seguir, indicamos os aspectos metodológicos.

## **METODOLOGIA**

### **Corpus**

Como nosso escopo é indicar ações de como desenvolver hábitos de estudo com o público infantil, desenvolvemos um estudo de revisão bibliográfica, recorrendo a artigos e capítulos de livros que abordassem a temática “hábitos de estudo”. O mecanismo de busca utilizado foi o Google Acadêmico, a partir do qual utilizamos, além do operador booleano AND e aspas, os seguintes descritores: “Análise do Comportamento” AND “hábitos de estudo” AND crianças AND pais. O período de busca da pesquisa foi de 10 anos (2011 a 2021), gerando-se 5.430 resultados. O Google Acadêmico, contudo, só

mostra os 100 primeiros resultados, dos quais selecionamos sete artigos, indicados no Quadro 1.

Quadro 1: Artigos e capítulos de livros selecionados para análise

Autor	Referência
Hübner (1999)	HÜBNER, M. M. C. Contingências e regras familiares que minimizam problemas de estudos: a família pró-saber. <i>In: KERBAUY, R. R.; WILENSKA. R. C. (orgs.). Sobre comportamento e cognição.</i> Santo André: Arbytes, 1999, p. 251-256.
Hübner e Marinotti (2000)	HÜBNER, M. M. C., & MARINOTTI, M. Criança com problemas escolares. <i>In: SILVA, E. F. M. (org.). Estudos de caso em Psicologia comportamental infantil.</i> Campinas: Papyrus, 2000.
Hübner (2002)	HÜBNER, M. M. C. (2002). A importância da participação dos pais no desempenho escolar dos filhos: ajudando sem atrapalhar. <i>In: BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZARROBA, S. M. B. (orgs.). Comportamento Humano – tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor.</i> Santo André: ESETec Editores Associados, 2002, p. 96-100.
Hübner (2012)	HÜBNER, M. M. C. O comportamento de estudar: osso nem tão duro de roer.]. <i>In: CONGRESSO BRASILEIRO TERAPIA POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO; ENCONTRO DE TERAPEUTAS COMPORTAMENTAIS, 1, 2012, São Paulo. Anais...</i> São Paulo: USP, 2012.
Perguer <i>et al.</i> (2012)	PERGUER, N. K. <i>et al.</i> Desenvolvimento de hábitos de estudo. <i>In: BORGES, N. B., CASSAS, F. A. (orgs.). Clínica analítico- comportamental: aspectos teóricos e práticos.</i> Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 277-286.
Soares, Souza e Marinho (2004)	SOARES, M. R. Z.; SOUZA, S. R. de; MARINHO, M. L. Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças. <i>Estudos de Psicologia</i> , v. 21, n. 3, p. 253-260, 2004. DOI: <a href="https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300009">https://doi.org/10.1590/S0103-166X2004000300009</a>

## Procedimentos

A coleta foi realizada com base na leitura dos títulos, das palavras-chave, do resumo e, se necessário, do artigo como um todo. Os trabalhos foram selecionados e/ou excluídos com base nestes elementos: *Critérios de inclusão* - abordagem teórica em AC, temática hábitos/habilidades de estudo que focasse no ensino de pais/cuidadores (tios, primos, irmãos mais velhos, avós, vizinhos, babás etc.) para auxiliarem no desenvolvimento de hábitos de estudo em crianças; *Critérios de exclusão* - trabalhos sem semelhança em objetivos ou que abordavam o desenvolvimento de habilidades sociais.

## RESULTADOS

### O que não fazer para estimular hábitos de estudo?

O que é “estudar”? Conforme Hübner e Marinotti (2000), trata-se de um conjunto de comportamentos, como organizar material, sentar-se e folhear um material acadêmico, fazer lição, ler um texto, responder a perguntas etc. Uma pessoa que apresenta hábitos de estudo adequados é a que emite diversas atitudes que compõem a classe de

comportamentos mais geral denominada “estudar” e, geralmente, alcança o desempenho acadêmico exigido pela instituição de ensino.

Hübner (1999, 2002, 2012) e Hübner e Marinotti (2000), como terapeutas comportamentais no atendimento a mais de 300 famílias com queixas de desempenho escolar inadequado dos filhos (notas fora da média), descrevem as características do perfil de cuidadores que não favorecem à instalação de hábitos ou comportamentos de estudo saudáveis. As pesquisadoras apresentam uma relação de contingências que não propiciam a emissão ou a manutenção desses comportamentos, por exemplo:

- Cuidadores que, por alguma razão, não parecem compreender a importância da organização do espaço de estudo;
- Dispendio de tempo e dinheiro na aquisição de materiais solicitados pela escola;
- Importância do cumprimento de regras com consequências coerentes, de não servirem de modelo de conduta e moral;
- Fazer uso de controle aversivo frequente;
- Não apresentar níveis e deveres e exigências compatíveis ao desempenho da criança;
- Não estar disponível e acessível ao diálogo com a criança.

Quando a criança se encontra em um ambiente desorganizado, seja no próprio quarto ou qualquer outro local da casa livre para que a criança possa se sentar e colocar seu material, o estudo pode estar competindo com vários outros estímulos sensoriais, principalmente auditivos e visuais (televisão, celular, brinquedos, jogos, videogame etc.), os quais prejudicam o desenvolvimento de hábitos de estudo (PERGHER *et al.*, 2012).

Aspectos como nunca dispor de tempo para sentar-se e estar presente no momento de estudar, não compreender que a supervisão e a interação devem ocorrer com mais frequência, não estar disponível para orientar e auxiliar nas atividades escolares, não perguntar qual foi o conteúdo trabalhado no dia a dia da escola ou se há tarefas e trabalhos a serem feitos, dificultam a criação de hábitos de estudo. Pedir a criança para que conte como foi seu dia de estudo na escola contribui para que ela entenda a importância de prestar atenção ao que a professora ensina, além de auxiliar na fixação do que foi ensinado na escola (SOARES; SOUZA; MARINHO, 2004).

Hübner (2002) ressalta a importância da compra e do oferecimento dos materiais solicitados pela escola à criança ao invés de considerá-los como um gasto desnecessário. A autora se refere aos pais/cuidadores que conseguem prover financeiramente essas

necessidades, mas não fazem isso por mero descaso. Algumas famílias não reclamam do investimento com a compra de roupas, de brinquedos ou com o lazer, mesmo que supérfluos; porém, reclamam do investimento com materiais escolares. O ato de se queixar das “coisas da escola” transmite à criança a mensagem de que a escola e o estudo não são importantes e não merecem investimentos extras além daquilo que é solicitado no início do ano letivo. Fica evidente, à criança, com essa postura, que outras coisas são mais importantes que a escola.

Pais/cuidadores que não apresentam regras de forma clara e coerente para suas crianças, com relação ao estudo ou qualquer outra, que não estabelecem horários e locais de estudo, que não explicam as consequências coerentes ao descumprimento de regras, que não mudam de estratégia para manter o comportamento e prevenir fugas e esquivas da criança, não conseguem estimular e/ou manter o comportamento de estudo (SOARES; SOUZA; MARINHO, 2004). Além disso, faltar com a palavra, seja ela de sanção previamente combinada ao descumprimento de um acordo, e oferecer reforços não contingentes ou não os oferecer quando a criança realizou o combinado, de igual forma, não geram bons resultados.

O ato de estudar, associado ao controle aversivo (punição e reforço negativo, por exemplo, para escapar da reprovação de ano ou do castigo dos pais), não tende a gerar um comportamento que possa ser chamado de hábito de estudo propriamente dito, tratando-se apenas de fuga/esquiva da punição. Quando gritamos com uma criança por não ter feito a tarefa ou por ter errado um exercício, emitimos consequências punitivas que geram resultados negativos ao comportamento de estudar. A punição não aumenta a frequência de um comportamento, mas sim a diminui, sem mencionar os efeitos emocionais estabelecidos via comportamento respondente, que não são o fosse deste estudo (HÜBNER, 1999, 2002, 2012; HÜBNER; MARINOTTI, 2000; SOARES; SOUZA; MARINHO, 2004).

É importante apresentarmos níveis de deveres e exigências compatíveis ao desempenho das crianças, pois, no momento de estudo, quando se exige um grau muito mais elevado ao que a criança pode fazer, gera-se uma impossibilidade na realização da tarefa/estudo, uma quebra na autoconfiança e desmotivação. Seguir o princípio da gradação das dificuldades, do mais fácil para o mais difícil em pequenos passos, é compatível com a não coerção, haja vista que exigir além da capacidade atual é uma punição automática.

Outro aspecto relevante é o cuidado que devemos ter ao nos dirigimos à criança durante a leitura, uma atividade que exija um raciocínio mais elaborado ou nas correções de exercícios, sem punições ou xingamentos. A punição tem efeito de reduzir a frequência dos comportamentos; a criança se envolve cada vez menos na ação de estudar ao ser frequentemente punida por fazê-la (SOARES, SOUZA & MARINHO, 2004).

Os pais/cuidadores servem de modelo e, portanto, devem apresentar coerência em suas ações. Não se pode exigir a organização da criança, quando não se é organizado. Sabemos que os adultos, pais e cuidadores são exemplos de conduta e moral, e as crianças reproduzem os seus comportamentos (HÜBNER, 1999, 2002, 2012; HÜBNER; MARINOTTI, 2000; SOARES; SOUZA; MARINHO, 2004).

### **O que fazer para estimular hábitos de estudo?**

Do mesmo modo que Hübner (1999, 2002, 2012) e Hübner e Marinotti (2000) descrevem contingências não propícias ao desenvolvimento de hábitos de estudo, as pesquisadoras também relatam as ações que favorecem à criação ou à manutenção de hábitos de estudo saudáveis. Tal perfil se refere às famílias/cuidadores que:

- Preocupam-se com os antecedentes ao estudo, o estudo propriamente dito e as consequências ou o momento pós-estudo (reforço positivo);
- Propiciam um ambiente de estudo adequado para a criança;
- Auxiliam no manuseio e na organização do material escolar, do tempo e do local de estudo;
- Supervisionam as atividades.

De acordo com Hübner (1999, 2002, 2012), Hübner e Marinotti (2000) e Pergher *et al.* (2012), são muito importantes as condições antecedentes ao comportamento de estudo, o que envolve ter um ambiente físico adequado e que seja/tenha, preferencialmente: um local silencioso, sem distrações que possam tirar a atenção da criança do foco (televisão, celular, outros objetos não relacionados ao momento de estudo, como brinquedos), uma superfície plana para o apoio do caderno, do livro, do estojo e uma cadeira adequada para o tamanho da criança. Outros aspectos essenciais ligados às condições estimuladoras antecedentes aos quais os pais/cuidadores podem se ater são: ter consciência de que a criança precisa estar com os pés totalmente no chão; oferecer uma iluminação adequada – para que não ocorram problemas visuais no futuro – e acesso a materiais de apoio (livros de pesquisa, caderno e um estojo com todos os itens solicitados pelo colégio).

Com relação ao comportamento de estudar propriamente dito, podemos citar o manuseio do material de estudo. Muitas crianças têm dificuldade para se encontrar no sumário de um livro, achar o conteúdo trabalhado durante a semana ou até mesmo compreender o conteúdo-chave trabalhado. Quando os pais se sentam com ela e auxiliam-na a usar adequadamente os materiais para estudar (sumário, dicionário, canetas coloridas para a marcação de informações mais pertinentes, a manutenção da organização do caderno, o capricho na letra (inteligível), o uso de blocos de notas ou agenda para as anotações do que deverá ser feito, ou para lembrar em que ponto a explicação foi interrompida, dentre outros elementos que facilitam o estudo) contribuem para a aquisição de habilidades importantes para a sua formação escolar. Esse é um dos momentos em que o adulto, já tendo compreendido minimamente a lógica de exposição da metodologia escolar e de como uma aula se desenvolve, pode ajudar a ensinar uma criança a ser autônoma e responsável pelo manuseio de seu material (HÜBNER, 1999, 2002, 2012; HÜBNER; MARINOTTI; 2000).

Podemos exemplificar algumas ações que os pais/cuidadores podem executar diariamente: ajudar a criança a procurar seus materiais, mostrando que, se colocarmos os objetos no local certo e destinado ao uso, facilitará a sua procura; e orientar a organização e vistoriar a mochila da criança para verificar se ela está levando o material correto, retirando materiais extras e objetos inadequados. Essa vistoria, inicialmente, pode ser feita de forma frequente e, posteriormente, ser retirada aos poucos para que a criança compreenda aquilo que deve ou não levar à escola. Ações como essas podem auxiliar na criação de hábitos de organização e de exclusão de objetos não relevantes. Um espaço no quarto e uma mochila sem objetos intrusos, bem-organizados, sem distrações, facilitam para que a criança a mantenha seu foco no estudo, tanto em casa quanto na escola (HÜBNER, 2002).

A organização do tempo de estudo também é de suma importância, por isso, acordos devem ser estabelecidos para o momento de estudo e os afazeres subsequentes. Por exemplo, podem ser indicados: rotina de tarefas domésticas, saídas para lazer, cursos de línguas e de prática de esporte e brincadeiras. Alguns familiares podem não compreender e não dar importância ao momento de estudo, marcando viagens e outros afazeres que competem com o estudar. Uma das dicas de Hübner (2012) é a adoção de um mural de anotações com um calendário, de modo que a família já estabeleça tanto as

atividades escolares quanto não escolares. Ao colocá-lo em um ponto acessível, todos os membros da família podem saber o que deve ser feito e quando.

O quesito “supervisão das atividades” refere-se à observação feita pelo adulto com relação às tarefas estabelecidas, se a criança está ou não cumprindo adequadamente com o que foi combinado para aquele momento de estudo. As crianças mais novas, segundo Soares, Souza e Marinho (2004), requerem mais atenção, pois ainda não compreendem muito bem o que deve ser feito e o local onde se deve fazer. Supervisionar é sinônimo de não abandonar a criança. Ela precisa ficar sozinha, mas, de vez em quando, é importante ir até o local onde ela se encontra e perguntar se tem alguma dúvida. Tal hábito não deve se restringir a uma figura feminina (a mãe, por exemplo), mas também que a figura masculina (como o pai) acompanhe as crianças, ampliando os laços afetivos e a relação com o conhecimento (SOARES; SOUZA; MARINHO, 2004).

Após o estudo, no local devido, tem-se o momento de lazer pós-estudo, como uma consequência reforçadora. Para essa ocasião, a criança poderá escolher uma brincadeira, com a participação do seu familiar. Essa interação entre a criança e os adultos favorece a formação de vínculos afetivos e reforça o estudar.

Quando pré-estabelecemos essas condições, fica mais fácil que a criança compreenda que, para fazer alguma prazerosa, como brincar, ela precisa cumprir o dever de estudar. Esse processo de reforçamento cria pareamentos positivos e auxilia no desenvolvimento de hábitos de estudo. Compreendemos ambas as palavras, dever e cumprir, não pelo viés aversivo, desprazeroso, mas como algo normal em nosso cotidiano (PERGHER *et al.*, 2012).

### **O que fazer quando se está auxiliando?**

Para o momento da supervisão direta, existem instruções na literatura, algumas semelhantes às já comentadas e outras inéditas. As orientações de como proceder no momento do estudo são: parrear o estudo com momentos agradáveis (reforço positivo); promover consequências (artificiais ou não); e dispor de metas e revisões de prioridades (PERGHER *et al.*, 2012).

Tornar o momento de estudar agradável não parece ser fácil, contudo, é uma ação necessária, principalmente no início da formação de pré-requisitos pró-estudo. Algumas ações podem ser: utilizar humor, comentando-se coisas engraçadas sobre o conteúdo estudado; propor desafios mais fáceis, como a inversão de atividades quando uma delas não foi respondida, pulando para a próxima; fazer experimentos científicos com o uso de

determinados elementos (PERGHER *et al.*, 2012), tais como um vulcão de lava; ou até mesmo proporcionando o manuseio de um folheto de supermercado para que a criança redija um texto e reveja a estrutura de um anúncio publicitário.

Promover consequências (artificiais ou não) como brincar com a criança, elogiar pelo seu desempenho, dar um adesivo engraçado ou o próprio aumento da competência relacionada a determinado assunto são exemplos de consequências reforçadoras positivas. O uso de reforçadores arbitrários deve ser feito com cautela, uma vez que o que se deseja é que o comportamento de estudar fique sob controle das consequências advindas do estudo propriamente dito (PERGHER *et al.*, 2012). Recomenda-se o uso de uma tabela de pontuação, como consequência reforçadora: pode-se dar um ponto por atividade correta, ou um adesivo para enfeitar o caderno, ou do uso de um lápis de cor para fazer um detalhe na folha.

Além dos aspectos já mencionados, um acordo pode ser feito com a criança para fixar metas e revisão de prioridades. Estabelecermos metas e prioridades é importantíssimo para a vida adulta, seja no trabalho, na vida social e/ou nos estudos. A criança, como ainda não compreende a fundo aquilo que pode prejudicá-la mais tarde, pode ser ajudada pelo adulto, com a criação de metas. Por exemplo, há instituições que organizam as provas somente no fim do semestre, com dias específicos para cada matéria e tipo de avaliação. Esse cronograma pode sofrer alterações e, mesmo que a meta de estudar para essa prova tenha sido concluída no dia estabelecido, ela deve ser reorganizada e refeita, a fim de proporcionar a mesma segurança e confiança com relação ao conteúdo estudado. Essa revisão de prioridades deve ser elaborada sempre que necessário.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo do estudo foi o de indicar ações de como desenvolver hábitos de estudo com o público infantil, pois ser este período fundamental para a criação de habilidades que perdurarão por toda a vida. A AC busca compreender a causa dos comportamentos, o porquê agimos de tal maneira perante uma situação. Nesse sentido, nosso foco foi examinar as contingências comportamentais que facilitam e as que não auxiliam na aquisição de hábitos/habilidades de estudo.

Atentamo-nos a esse tema também por reconhecermos que, devido ao momento pandêmico, acompanhado de estresse e mudanças na organização escolar, por um bom

tempo, as crianças passaram a estudar em suas casas, por meio do ensino remoto. Os alunos não tiveram contato presencial com seus colegas, com os professores e com a própria organização escolar. Assim, os pais/cuidadores tiveram que assumir e gerir atividades relacionadas ao ensino. Todavia, por falta de tempo, de conhecimento ou por outros motivos, não souberam/sabem como criar e manter hábitos pró-estudo. No entanto essas dificuldades acontecem independente de estarmos ou não em meio a uma pandemia.

Assim, as reflexões podem ser úteis a familiares/cuidadores (pais, mães, tias, tios, avós, irmãos, primos, babás etc.) e professores, com vistas ao desenvolvimento e à manutenção de hábitos de estudo nas crianças a qualquer tempo. Tanto os familiares/cuidadores (pais, irmãos mais velhos, tios, primos, familiares em seu todo, ou por cuidadores, babás, vizinhos etc.) quanto profissionais (terapeutas comportamentais, professores, psicopedagogos) podem ajudar as crianças a desenvolverem e manterem hábitos de estudo.

É a partir da análise de nossas ações que conseguimos, com o direcionamento de profissionais e da literatura, reorganizar e redirecionar as ações que promovem e as que não promovem o desenvolvimento das habilidades/hábitos necessários para o nosso dia a dia. E como resultado, elencamos itens que não deve ser feitos, os que devemos fazer para o desenvolvimento de hábitos/habilidades e, o que deve ser realizado durante o momento em que se está auxiliando.

As principais atitudes consideradas promotoras e auxiliadoras de comportamentos pró-estudo são: prover minimamente a organização e o planejamento direto ou indireto de espaço, de tempo/horário, de materiais para uso de estudo; auxiliar no manuseio e na organização material escolar; supervisionar as atividades; e atentar-se para o momento pós-estudo (reforço positivo).

Dentre os principais hábitos considerados não promotores de hábitos de estudo, enfatizamos: não compreender a importância da organização do espaço de estudo; não destinar tempo e dinheiro para a aquisição de materiais solicitados pela escola; minimizar a importância do cumprimento de regras com consequências coerentes. Além disso, é vital que os pais, sobretudo, sirvam de modelo de conduta e moral, não usem frequentemente o controle aversivo e não apresentem níveis, deveres e exigências incompatíveis ao desempenho da criança.

Na busca que fizemos para subsidiar este estudo, encontramos muitas dissertações que relatavam o dia a dia em clínicas de atendimento pró-estudo. Há empresas idôneas

que fazem essa orientação, auxiliando tanto crianças quanto adultos, a organizarem seus hábitos de estudo<sup>3</sup> e a serem mais autônomos, impactando, dessa forma, a aprendizagem.

Estudar é um comportamento complexo que exige pré-requisitos, como as habilidades de autocontrole e de autogoverno (capacidade de decidir, de resolver problemas). Aprender a estudar é um processo gradativo, envolvendo pequenos comportamentos e habilidades de resolução de problemas (além de autocontrole e autogoverno). As consequências do estudar não são imediatas. Aprende-se a estudar, na maioria das vezes, para nos livrarmos de punição (ou uma bronca dos pais, uma nota ruim na prova, para evitar que o professor avise seus pais que não fez alguma atividade) e não para obter reforço positivo. Se o estudante está fazendo as atividades por fuga/esquiva, isso significa que ele ainda não sabe estudar, mas saberá quando tiver sensações satisfatórias ao estudar e ao realizar as atividades de estudo (ler, resolver exercícios, pesquisar, tentar de novo, não desistir).

As crianças podem nos surpreender. Dependendo das contingências que a escola estabelecer com as crianças, do que ela disponibilizar e do auxílio dos pais/ cuidadores, elas podem desenvolver um nível de autonomia. Trata-se de um comportamento complexo que pode ser decomposto em inúmeros outros, menores. Dessa forma, a parceria escola-família precisa ancorar-se em um objetivo comum: desenvolver a autonomia e fornecer “asas” às nossas crianças.

Podemos concluir que a pesquisa atingiu os objetivos a que se propôs. Como indicações a futuras pesquisas podemos indicar um trabalho de campo, de orientação a profissionais professores e/ou a pais/responsáveis que desejem implementar hábitos de estudos em seus estudantes/pupilos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. A.; AVES, L. R. N. Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual. *Debates em Educação*, v. 12, n. 28, p. 1–18, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10282>. Acesso em: 15 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n. 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Brasília: MEC, 2020. Disponível em:

---

<sup>3</sup> Podemos citar: a Pró-estudo2: Ensinando a estudar, que promove atividades na área de Psicologia Educacional (<https://www.atendimentooproestudo.com.br/>); e a LUPA3 – Educação Ampliada (<https://lupaeduc.com.br/>).

[http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20343-20-mec.htm). Acesso em: 15 jul. 2022.

COGNETTI, N. P. **Análise do Comportamento e Educação**: um estudo das dissertações de mestrado em Psicologia do Estado do Paraná no período de 2008 a 2013. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

GEACE. Grupo de Estudos em Análise do Comportamento e Educação. **Habilidades de estudo** [conferência on-line]. Publicado pelo canal Maria Ester Rodrigues, 18 de julho de 2020, 1 vídeo (2h56min28seg.). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=691NWzvapxE&t=1735s>. Acesso em: 20 abr. 2022.

HENKLAIN, M. H. O.; CARMO, J. S. Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 43, n. 149, p. 704-723, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/bT6y5JYHDTjP79pmKhgbsSq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2022.

HÜBNER, M. M. C. Contingências e regras familiares que minimizam problemas de estudos: a família pró-saber. In: KERBAUY, R. R.; WILENSKA, R. C. (orgs.). **Sobre comportamento e cognição**. Santo André: Arbytes, 1999, p. 251-256.

HÜBNER, M. M. C. A importância da participação dos pais no desempenho escolar dos filhos: ajudando sem atrapalhar. In: BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZARROBA, S. M. B. (orgs.). **Comportamento Humano** – tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002, p. 96-100.

HÜBNER, M. M. C. O comportamento de estudar: osso nem tão duro de roer.]. In: CONGRESSO BRASILEIRO TERAPIA POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO; ENCONTRO DE TERAPEUTAS COMPORTAMENTAIS, 1, 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2012.

HÜBNER, M. M. C., & MARINOTTI, M. Criança com problemas escolares. In: SILVA, E. F. M. (org.). **Estudos de caso em Psicologia comportamental infantil**. Campinas: Papirus, 2000.

PERGHER, N.K.; VELASCO, S.M. Modalidade de acompanhamento terapêutico para desenvolvimento de comportamentos pró-estudo. In: ZAMIGNANI, D.R.; KOVAC, R.; VERMES, J.S. (orgs.). **A Clínica de Portas Abertas**: experiências do acompanhamento terapêutico e da prática clínica em ambiente extraconsultório. Santo André, ESETec Editores Associados, 2007, p. 285-306.

PERGUER, N. K. *et al.* Desenvolvimento de hábitos de estudo. In: BORGES, N. B., CASSAS, F. A. (orgs.). **Clínica analítico- comportamental**: aspectos teóricos e práticos. Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 277-286.

REGRA, J. A. G. Aprender a estudar. In: HÜBNER, M. M. C.; MARINOTTI, M. (orgs.). **Análise do comportamento para a educação**: contribuições recentes. Santo André: ESETec Editores Associados, 2004, p. 225-242.

ROMERO, A. C. G. **A intervenção do terapeuta analítico-comportamental infantil e desenvolvimento de hábitos de estudo.** 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Terapia Analítico-Comportamental Infantil) - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Brasília, 2005.

SANTOS, E. T. *et al.* COVID 19 e os impactos na educação: percepções sobre Brasil e Cuba. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, edição especial covid-19, p. 450-460, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/54555>. Acesso em: 18 out. 2021.

SOARES, M. R. S.; SOUZA, S. R.; MARINHO, M. L. Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo em crianças. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 253-260, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/zkmXhRmpzKZFrQSZnKw3wfj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2021.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. **Unesco**, 23 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-contr-o-aumento>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VIEIRA, M. F.; SILVA, C. M. C. A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, n. 28, p. 1013-1031, 2020. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/10313>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Recebido em: 11/10/2022  
Aceito em: 14/11/2022